

# internacional

internacional@jornalcomercio.com.br

## Sem transtornos, Estados Unidos encerram votações

Projeções mais otimistas indicam que vencedor seja conhecido ainda hoje



O temor de episódios de violência nas seções eleitorais não se confirmou e as eleições transcorreram de forma tranquila em grande parte dos Estados Unidos. Organismos de monitoramento e autoridades governamentais afirmaram que o dia de ontem transcorreu sem grandes problemas no embate entre o republicano Donald Trump e a democrata Kamala Harris.

Houve apenas alguns incidentes menores com software. No condado de Cambria, na Pensilvânia, eleitores não estavam conseguindo escanear suas cédulas, mas oficiais locais afirmaram que

não há evidência de fraude e que todos os votos serão contados normalmente. Nas redes sociais, republicanos denunciaram o problema e disseram que seus advogados estão analisando o caso.

A previsão é de que o resultado seja divulgado mais rápido do que no último pleito, em 2020. Em um país completamente dividido entre democratas e republicanos, a grande expectativa é saber quanto tempo levará para definir o novo presidente. Sem se ter certeza, algumas projeções mais otimistas apontam que até a tarde de hoje pode ser possível saber quem venceu as eleições.

Mais de 82 milhões de eleitores votaram antecipadamente e as filas se espalharam pelas seções eleitorais abertas no país, com vá-

rios fusos horários. As pesquisas apontam um empate nos sete estados que definirão o vencedor: Pensilvânia, Michigan, Wisconsin, Carolina da Norte, Geórgia, Arizona e Nevada. Os demais estados geralmente se dividem entre os tradicionalmente democratas ou republicanos.

Donald Trump depositou presencialmente seu voto nas eleições dos Estados Unidos nesta terça-feira, em West Palm Beach, na Flórida. Em seguida, falou com jornalistas e tocou no assunto que gera mais expectativa em torno de sua conduta nessa disputa: o reconhecimento de uma eventual derrota para a democrata Kamala Harris.

“Se for uma eleição justa, eu seria o primeiro a reconhecer”, disse o republicano, embora não



Milhares foram às urnas para escolher entre Trump e Kamala

tenha deixado claros os seus critérios para considerar o pleito justo. O candidato disse ainda que não tinha planos de dizer a seus apoiadores que se abstenham de violência caso seja derrotado por Kamala. Isso porque, segundo ele, não há necessidade para tanto. “Não preciso dizer isso a eles porque eles não são pessoas violentas”, afirmou.

Após ter anunciado que votou pelo correio, a vice-presidente Kamala Harris pediu aos nor-

te-americanos que “saíssem para votar” nas eleições presidenciais, especialmente nos sete estados-chave, em uma entrevista de rádio pela manhã. “Temos que fazer isso. Hoje é dia de votação e as pessoas têm que sair e ser ativas”, disse a candidata democrata no Big Tigger Morning Show, da emissora WVEE-FM de Atlanta, sobre uma eleição muito acirrada que ela disputa com o ex-presidente republicano. Kamala acompanhará a apuração em Washington.

## Especialistas acreditam que possível vitória de Donald Trump iria pressionar o Brasil

Maria Amélia Vargas  
mavargas@jcrs.com.br

Embora o resultado da votação pela presidência dos Estados Unidos só deva ser conhecido ao longo da semana, a disputa entre Donald Trump e Kamala Harris irá reverberar no Brasil. De forma geral, especialistas em política externa acreditam que a vitória do republicano Trump possa aumentar a pressão sobre o País, enquanto a eleição da democrata Kamala signifique continuidade da administração de Joe Biden.

Sendo os EUA um dos principais parceiros comerciais e políticos do Brasil, o professor de Relações Internacionais da Pucrs, João Jung, entende que as conexões devam sofrer mudanças significativas de quem for assumir o cargo na principal potência econômica do mundo. Para ele, existe uma distinção muito clara entre o pro-

grama do Partido Republicano e o programa do Partido Democrata: “Trata-se de um certo isolacionismo em relação aos assuntos do resto do mundo, a gente quer se preocupar com a gente, o que importa somos nós, então a gente vai agir no mundo conforme os nossos interesses internos”, exemplifica ele sobre o Partido Republicano.

Já Kamala, na sua opinião, está dentro de uma plataforma seguida desde o governo Obama. “Internacionalmente, os democratas têm muito mais essa visão de uma espécie de mediador de relações globais, de intervir, não necessariamente militarmente ou diretamente, mas estar presente nas discussões do que acontece no mundo”, afirma.

Jung destaca que o Brasil tem uma forte dependência econômica dos Estados Unidos, “ainda que por vezes seja balanceada pela sua aproximação com a China e



Votação foi concluída ontem em todos os estados norte-americanos

os Brics”. Apesar disso, ele afirma que o País está conseguindo circular bem entre essas duas esferas, com tendência a seguir assim caso Kamala assuma o cargo. Mas, apesar de ser um parceiro fundamental na América do Sul, a eleição de Trump pode transferir

este protagonismo para a Argentina, cujo presidente Javier Milei tem posicionamento mais próximo dele.

Na avaliação do professor de Relações Internacionais da UniRitter, João Gabriel Burmann, independentemente do desfecho nas

urnas, a questão econômica geralmente é a que menos se modifica nas trocas de governo norte-americano, embora Trump traga uma retórica de protecionismo comercial mais agressiva. “Ele traz uma retórica mais forte com relação a alguns países com os quais competem. Mas, no geral, em termos de sistema financeiro, de poder do dólar, é uma coisa que também não tem grandes alterações”, afirma o docente.

Outro ponto em comum entre as duas nações diz respeito à defesa da democracia. Segundo Burmann, há uma forte comparação entre o 6 de janeiro de 2021 nos EUA (a invasão do Capitólio) e o 8 de janeiro de 2023 (depredação às sedes dos Três Poderes em Brasília). “Trump já deu indícios de que não aceitaria uma derrota, por conta de discurso de fraude, e que a Câmara provavelmente aceitaria.”

## Benjamin Netanyahu demite ministro da defesa de Israel, Yoav Gallant

/ GUERRA

O primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu demitiu seu ministro da defesa, Yoav Gallant, em um momento em que o país continua a travar guerras em Gaza e no Líbano, além de trocas de ataques com o Irã. A medida foi

tomada ontem, após meses de discordância pública entre os dois sobre o curso da guerra. Netanyahu disse que estava demitindo Gallant devido a uma quebra de confiança e a diferenças de posições entre eles. Gallant desafiou publicamente o fracasso de Netanyahu em decidir sobre um plano para o

governo de longo prazo de Gaza e por não priorizar um acordo para libertar israelenses e outros reféns. A decisão, no entanto, surge um dia após o ex-ministro da Defesa anunciar ordens de alistamento para cerca de 7 mil judeus ultratodoxos, o que não é bem-visto por membros da coalizão de partidos

ultraconservadores que ajudaram Netanyahu a chegar ao poder.

Após a demissão, Gallant usou as redes sociais para comentar a decisão de Benjamin Netanyahu. “A segurança do Estado de Israel foi e sempre será a missão da minha vida”, escreveu o ex-ministro em uma publicação no X.

A demissão pode ter impactos abrangentes na guerra de várias frentes de Israel e nos esforços dos EUA para acabar com o conflito. Gallant vinha atuando como uma âncora do relacionamento com os americanos e o maior defensor dos esforços de Biden para chegar a um cessar-fogo em Gaza.